



Universidade
de e para
Catadoras e Catadores

UNICATA NOTÍCIAS

FEITO POR E PARA CATADORAS E CATADORES

Edição 02/2025, São Paulo



Turma 4/2025 da UNICATA, em São Paulo – Foto: Felipe Palma da Silva

Nesta edição você descobrirá como foi a 1ª **Conferência de Educação Popular** promovida pela UNICATA (pg. 2). Você também verá como funciona o **processo da reciclagem e a importância da reutilização dos resíduos** (pg. 4). Irá compreender o **Lado B da Moda** e aprender como os resíduos têxteis se tornaram um problema (pg. 6) e saberá mais sobre ações promovidas pelos catadores na **educação e ação na Gestão dos Resíduos** (pg. 08).

Além disso, conhecerá como é possível se tornar uma **catadora ou catador formalizado** (pg. 10). Você aprenderá sobre a luta das mulheres catadoras e quais são as suas reivindicações, porque para elas, **só falta o pix!** (pg. 13). Ainda, entenderá como **a voz dos catadores** está chegando nas audiências (pg. 15). Também conhecerá o **Melô do Catador** (18). Por fim, verá a sessão sobre **o que é governança** (pg.20) A UNICATA espera que você goste do jornal! Boa leitura!

Organização: Isabella Vallin, Felipe Silva e Jutta Gutberlet
Edição e diagramação: Isabella de Carvalho Vallin



EDUCAÇÃO POPULAR E CATADORES: CONFERÊNCIA INTERNACIONAL EM SÃO PAULO

Por Samantha Suely Alves

Orientação de Isabella de Carvalho Vallin

Conferência Internacional marca construção de nova pedagogia participativa!

Durante os dias 16 e 17 de maio de 2025, representantes de universidades, organizações sociais, gestores públicos e catadoras e catadores autônomos, de cooperativas e associações reuniram-se na capital Paulista para cocriar uma proposta de educação popular voltada especificamente às realidades dos trabalhadores da reciclagem. A 1ª Conferência Internacional de Educação Transformadora para e com Catadores e Catadoras de Materiais Recicláveis marcou um esforço colaborativo inédito na América Latina, com o tema “Cocriando uma Pedagogia Popular”.

A conferência foi realizada em dois momentos: o primeiro dia no Plenário 1º de Maio da Câmara Municipal de São Paulo; o segundo, em forma de oficina de trabalho ocorreu na sede do Pimp My Carroça, com foco em propostas práticas para um modelo educativo inclusivo, contextualizado e contínuo. O objetivo foi debater e formular novos caminhos para uma educação popular voltada às especificidades dos catadores, com base em metodologias horizontais e de reconhecimento mútuo de saberes. A programação do primeiro dia foi composta por apresentações de pesquisadores e representantes de instituições acadêmicas da América Latina.

Entre os destaques estão o Prof. Ladislau Dowbor (PUC-SP) que ministrou palestra sobre modelo econômico e formação de base. Na sequência, Angela Baeder (UFABC), Ana Mazzino (Universidade de Quilmes – Argentina) e Rodrigo Hurtado (Universidad Abierta de Recoleta – Chile) participaram de painel sobre os contextos geográficos da educação popular no Brasil, Argentina e Chile.



Foto: Acervo UNICATA



Luzia Honorato e Jutta Gutberlet relataram sobre a construção da UNICATA. Selma Santos falou sobre as experiências de formação política na Escola Nacional Florestan Fernandes. Já Lusimar Guimarães Pereira (Recicleiros) apresentou a "Academia do Catador". Sebastian Carengo (Universidade de Quilmes) relatou sobre o curso de extensão em Economia Circular e Inovação e Rodrigo Hurtado (UAR - Chile) falou do papel da educação popular como instrumento de transformação social.

No segundo dia, a oficina teve como foco o desenvolvimento de propostas concretas para o fortalecimento da UNICATA. Os participantes foram organizados em grupos de discussão que abordaram quatro pilares.

- Ensino em Pares: aprendizagem horizontal entre catadores e pró catadores (educadores técnicos).
- Conteúdos Curriculares: temas contextualizados às vivências e desafios do trabalho de reciclagem.
- Ensino Híbrido e EAD: estratégias para ampliar o acesso à formação, mesmo à distância.
- Certificação dos Saberes: reconhecimento formal das competências adquiridas na prática.

Os temas serão aprofundados por grupos de trabalho de voluntários nos próximos meses. A expectativa é elaborar um guia pedagógico orientador para a educação popular aplicada à UNICATA e aos trabalhadores de reciclagem da América Latina.

Felipe Palma (UFABC) participante do comitê organizador da conferência e educador da Unicata, relata que os alunos demonstram empoderamento com o conhecimento e estudo da pedagogia participativa exercida pela universidade, elevando a autoestima e auxiliando em suas vivências com os aprendizados adquiridos nas aulas.

Ao final da conferência, consolidou-se o compromisso de redigir uma Carta de Princípios da Educação Popular com Catadores, com base nas discussões realizadas. O documento servirá como norte para políticas públicas, projetos educacionais e articulações com universidades.

A iniciativa reafirma a necessidade de uma educação construída a partir das experiências reais dos catadores, os reconhecendo como agentes do conhecimento e sujeitos políticos, causando uma revolução no cotidiano onde estão. É de extrema importância e urgência a educação popular para o trabalhador de base, este é o impacto que a almejamos”, comenta Jutta Gutberlet organizadora da conferência.

O evento foi organizado por: Jutta Gutberlet, Felipe Palma, Solange Dias, Angela Baeder, Sebastian Carengo, Ana Mazzino e Rodrigo Hurtado. Também contou com o apoio do gabinete da vereadora Luna Zarattini, e da diretora do Pimp My Carroça Nanci Darcolete (também aluna da UNICATA),

As apresentações do primeiro dia estão disponíveis, para acessar, clique:

[Vídeo 1](#); [vídeo 2](#); [vídeo 3](#); [fotos](#)



O PROCESSO DA RECICLAGEM E A IMPORTÂNCIA DA REUTILIZAÇÃO DOS RESÍDUOS

Por Adriano José Paulino, Ana Tercia Julio e Edna Chaves
Orientação de Taynara Carvalho

Todos os dias, toneladas de resíduos são geradas a partir do nosso consumo: embalagens, objetos, restos de materiais e produtos descartáveis que, muitas vezes, acabam em lixões ou aterros sanitários. Mas o que acontece com tudo isso? Quem está por trás do caminho desses resíduos e como podemos transformar esse processo em uma prática mais consciente e sustentável?

Neste texto, compartilhamos nossas experiências como catadoras e artesãs, refletindo sobre a importância da reciclagem e da reutilização como caminhos para um futuro mais equilibrado.

Do lixo ao reaproveitamento: o papel da reciclagem

A reciclagem é mais do que apenas separar o lixo seco do orgânico. É um processo que envolve várias etapas, desde a coleta e triagem até a transformação de resíduos em novos materiais. Plástico, papel, vidro, metal – todos podem ganhar nova vida quando são corretamente reciclados.

O primeiro passo começa na casa das pessoas, no escritório, na escola, no hospital. É fundamental que os resíduos sejam separados desde a origem, pois isso facilita o trabalho dos catadores e das cooperativas, além de garantir um descarte adequado de resíduos perigosos.

Depois disso, entra o trabalho essencial das catadoras e catadores, que fazem a triagem, a limpeza e muitas vezes participam da preparação dos materiais para as próximas etapas. Em algumas indústrias, como a de termoplásticos, os materiais passam por processos como trituração, lavagem, secagem e extrusão, sendo reaproveitados para fabricar novos produtos como embalagens, utensílios e peças.

Esse processo contribui não só para a redução do impacto ambiental, mas também para a geração de renda, valorizando o trabalho dos profissionais da reciclagem e fortalecendo a economia circular.



Foto: <https://www.metropoles.com/conteudo-especial/jbs-recicla-6-mil-toneladas-de-plastico-em-2024>



Reutilizar: mais do que reaproveitar, é transformar

Além da reciclagem industrial, a reutilização dos materiais é uma estratégia poderosa e acessível, com impactos diretos na preservação dos recursos naturais. Quando reutilizamos potes, garrafas, caixas e outros objetos no nosso dia a dia, deixamos de consumir novos produtos e reduzimos a quantidade de resíduos gerados.

Essa prática, muitas vezes simples, é uma forma de resistência. A reutilização também está no coração do trabalho artesanal feito por muitas mulheres em comunidades, como nós, que transformamos resíduos em arte, em beleza, em ferramentas de educação e sensibilização.

É importante lembrar que cada embalagem de vidro, cada frasco ou pote plástico que deixamos de descartar e escolhemos reutilizar representa menos extração de matéria-prima, menos poluição e mais consciência ambiental.

A Política Nacional de Resíduos Sólidos, criada em 2010, aponta justamente para essa responsabilidade compartilhada entre governos, empresas e sociedade. Cabe a todos nós repensar nossos hábitos e reconhecer o valor do que antes era chamado de “lixo”.



Foto: <https://piccardhomes.com/the-art-of-upcycling/>



Foto: <https://blog.natone.com.br/meio-ambiente/qual-a-diferenca-entre-reciclar-reduzir-e-reutilizar>

Reduzir, Reutilizar e Reciclar: o tripé da sustentabilidade

Essas três palavras – reduzir, reutilizar e reciclar – formam o que chamamos de os 3Rs, um princípio fundamental na luta por um planeta mais sustentável. Reduzir significa consumir de forma consciente, preferindo produtos duráveis e com menos embalagens. Reutilizar é dar nova função a materiais já utilizados. Reciclar é transformar resíduos em matéria-prima novamente.

A soma dessas ações, quando praticada em conjunto pela sociedade, pode mudar realidades. Valoriza o trabalho das catadoras e dos catadores, movimenta a economia criativa e contribui diretamente para a saúde do planeta.

Nosso trabalho como catadoras e artesãs mostra que, ao invés de descartarmos tudo o que sobra, podemos transformar. Transformar materiais, sim – mas também transformar olhares, mentalidades e práticas. Reciclar e reutilizar não são apenas atos técnicos: são também políticos, sociais e ambientais.

O futuro é agora, e pode ser construído com menos lixo, mais consciência e mais dignidade para todas e todos que fazem parte desse processo.



O LADO B DA MODA: RESÍDUOS TÊXTEIS E O IMPACTO DO CONSUMO EXCESSIVO

Por Katita Cornélio, Rozenir Rodrigues e Simone Sena
Orientação de Solange de Araújo

Imagine um deserto. Não um deserto de areia e cactos, mas um mar de roupas e tecidos que se estende até onde a vista alcança. Essa é a chocante realidade do Deserto do Atacama, no Chile, que se tornou um símbolo global do descaso com os resíduos têxteis. Essa imagem impactante, é apenas a ponta do iceberg de um problema que atinge o mundo todo. O consumo desenfreado, a "moda rápida" (fast fashion) e a falta de um destino correto para as roupas depois do uso estão transformando rios, mares e vastos territórios em depósitos de lixo têxtil.



Descaso com tecidos têxteis no Deserto do Atacama, que se torna o deserto dos tecidos.
Foto: Martin Bernetti/AFP (UOL)

Um Desastre Ambiental em Cada Peça Descartada

O descarte excessivo e incorreto de resíduos têxteis é um grave problema ambiental mundial. O acúmulo em lixões irregulares contamina solo e lençóis freáticos, e a decomposição leva décadas (malhas) a séculos (sintéticos). O pior é a liberação de microplásticos, que poluem e prejudicam animais.

No Brasil, a situação é alarmante: 170 mil toneladas de resíduos têxteis são descartados anualmente, com apenas 20% que é reaproveitado. O restante vai para lixões, como no Brás, em São Paulo, e em polos têxteis do Nordeste, evidenciando a urgência de soluções.

Para ler essa notícia na íntegra [clique aqui](#)

A Solução Está em Nossas Mãos (e nas Leis)

Diante desse cenário, a boa notícia é que existem muitas alternativas para evitar que as roupas acabem nos aterros. O conceito dos 7 Rs é um guia poderoso: Repensar, Recusar, Reduzir, Reutilizar, Reaproveitar, Reciclar, Recuperar/Restaurar.

A legislação brasileira, embora ainda em desenvolvimento específico para têxteis, já aponta caminhos. A Política Nacional de Resíduos Sólidos (Lei 12.305/2010) enfatiza a necessidade da logística reversa, que responsabiliza fabricantes, distribuidores e comerciantes pela destinação correta dos resíduos pós-consumo.

Outras leis vêm abordando a questão dos resíduos têxteis com foco na sustentabilidade e na responsabilidade social. A Lei 13.019 de 31 de julho de 2014, em conjunto com o Projeto de Lei 657/2013, busca a qualificação profissional de pessoas em situação de vulnerabilidade. Complementarmente, o Projeto de Lei 270/22, visa a criação de um sistema de logística reversa para resíduos têxteis.

Organizações internacionais, como a ONU, também trabalham em sugestões para a indústria da moda, visando práticas mais sustentáveis e com menor impacto ambiental. Iniciativas como a "RE-commerce", no Atacama, tentam resgatar roupas do deserto, restaurá-las e distribuí-las gratuitamente, mostrando que é possível reverter esse cenário.

Precisamos mudar essa mentalidade. O descarte inadequado é um problema ambiental e social.



Foto: Rozenir Rodrigues

Um Apelo à Mudança

É urgente repensar nossos hábitos de consumo. O baixo custo e o uso de poliéster desestimulam o conserto e reaproveitamento, levando ao descarte rápido, ao contrário das gerações passadas. A reutilização das roupas até o seu esgotamento se torna chave essencial. Existem diversas formas e técnicas para a reutilização dos tecidos, como a transformação de retalhos em bolsas, almofadas e tapetes. Outra opção é comprar e vender em brechós.

As substâncias tóxicas liberadas pelos tecidos nos lixões prejudicam a todos. É urgente que autoridades e cidadãos abram os olhos para essa "atrocidade" do lixo têxtil e busquem soluções concretas. Conscientizar e agir são os primeiros passos para garantir um futuro mais limpo e equilibrado para o ambiente e para a nossa saúde.



POR QUE SEPARAR OS RESÍDUOS É IMPORTANTE? EDUCAÇÃO E AÇÃO NA GESTÃO DOS RESÍDUOS

Por A. Paula Lima. Vidal, Maria Ap. Pereira dos Santos, Maria Ap. Rodrigues,
Marilene Araujo e Lucas Assumpção da Silva
Orientação de Fabio Luiz Cardozo

Separar os resíduos recicláveis é um gesto simples que faz grande diferença. Ao separar corretamente o plástico, papel, vidro e metal, ajudamos a reduzir a poluição, evitar o desperdício de recursos naturais e facilitar o trabalho dos catadores. Isso torna a reciclagem mais eficiente, pois evita a contaminação com resíduos orgânicos e gera renda para muitas famílias. A separação começa em casa, mas o impacto é coletivo.

A separação começa em casa, mas o impacto é coletivo!

A força da Dona Cida na Vila Arco-Íris

A dona Cida é uma liderança respeitada na Vila Arco-Íris (Grajaú, distrito da cidade de São Paulo). Educadora e moradora antiga, ela acredita no poder da educação para mudar as coisas. De acordo com a Dona Cida:

“Foi um longo trabalho de educação ambiental que fizemos na comunidade. Falamos nas escolas, nas casas, nos postos de saúde e até nas ruas. Com isso, conseguimos cadastrar 170 famílias. Elas recebem uma sacola onde colocam os recicláveis. Quatro catadores passam três vezes por semana para recolher. Isso ajuda o meio ambiente e ainda gera renda para as famílias.”

A partir da entrevista com representante de uma igreja que coleta resíduos da comunidade, foi percebido que quando não tem a inclusão de catadores, a separação acaba sendo feita de forma primária. Com isso, é crucial a divulgação sobre a separação dos resíduos e a sustentabilidade para os moradores.

Porém, não basta saber que é importante separar. É preciso envolver toda a comunidade. Por isso, vamos apresentar experiências reais de organizações populares que estão transformando a forma como o lixo é visto e tratado nos bairros.



Fotos do acervo de Maria Aparecida Rodrigues.

CoopCasa e o Movimento Bixiga Sem Lixo

No centro da cidade, a cooperativa formada por catadores autônomos, a CoopCasa, se articulou com os moradores do bairro Bela Vista e se aproximou do coletivo Bixiga Sem Lixo, que já conta com mais de 100 participantes com o intuito de promover a coleta seletiva na região e gerar renda para as catadoras e catadores. Para Thais Taverna, moradora, comerciante e integrante do Movimento Bixiga Sem Lixo:



Ação da Coopcasa durante o Carnaval no Bixiga..
Foto do acervo de Lucas Assumpção da Silva.

As postagens sobre a separação de resíduos no bairro feitas pelo próprio grupo, com artes e mensagens criadas pelos moradores, começaram a circular nas redes sociais locais, como o Portal do Bixiga e o Respeita o Bixiga. Isso gerou muitos resultados: aumentou a quantidade de recicláveis e entulho coletado; a coleta de restos de obra (entulho) se tornou remunerada, o que ajudou na renda do grupo de catadores e; a cooperativa ganhou mais visibilidade e apoio de parceiros.

“Sozinho a gente até chega, mas com o grupo, a gente chega mais rápido e com mais força!” (Dona Cida).



Primeira reunião do coletivo na Praça Dom Orione, Bela Vista/SP.
Foto do acervo de Lucas Assumpção da Silva.

“A CoopCasa amplia nosso conhecimento em relação aos resíduos, mais do que isso, nos colocam próximos da realidade dos catadores, transformando o olhar, educando todo o MOVIMENTO com informações que somente quem vive pode proporcionar. Percebemos que com a presença da cooperativa no bairro, muitas pessoas começaram a olhar para seus resíduos de forma diferente e criamos juntos a valorização do profissional catador, ampliando seu significado”.



Ação da Coopcasa na Feira do Livro no Bixiga.
Foto do acervo de Lucas Assumpção da Silva.



HÁ VAGAS: COMO SE TORNAR UMA CATADORA OU CATADOR DE MATERIAIS RECICLÁVEIS FORMALIZADO NO BRASIL

Por Ana Maria Oliveira, Antônio Nascimento, Pedro Luiz da Silva, Eduardo Ferreira de Paula, Samantha Suely Alves Dias
Orientação de Felipe Palma da Silva

Do improvisado à escolha consciente, a profissão de catador tem ganhado reconhecimento e se fortalecido com a economia circular. Durante décadas, ser catador de materiais recicláveis foi uma ocupação marcada pela extrema vulnerabilidade social. “A maioria das pessoas chegava à catação não por escolha, mas por necessidade, como último recurso diante da fome e do desemprego. No entanto, esse cenário começou a mudar após os anos 2000. Com o avanço das discussões sobre sustentabilidade”, comenta Dudu Catador, liderança do Movimento Nacional de Catadoras e Catadores de Material Reciclado (MNCR). Aos poucos o ofício do catador está sendo visto de uma nova forma: como trabalho digno, essencial para o meio ambiente e fonte de renda.

Catadoras e catadores se organizam como autônomos, em cooperativas, associações ou empreendimentos de economia solidária. No caso dos autônomos, a formalização por meio do MEI (Microempreendedor Individual) pode garantir autonomia, acesso a direitos e até a possibilidade de prestação de serviços para prefeituras, empresas e condomínios. A seguir, mostramos os caminhos possíveis para quem deseja atuar na área da catação de maneira formalizada e legalizada.

Para entrar na área da reciclagem é muito importante conhecer as regras que regem o setor, como a Política Nacional de Resíduos Sólidos (PNRS), estabelecida pela Lei nº 12.305/2010.

A reciclagem é o futuro, o Brasil produz mais de 80 milhões de toneladas de resíduos por ano, mas recicla menos de 8% do que poderia. Esses dados foram revelados no Panorama dos Resíduos Sólidos no Brasil, lançado pela Associação Brasileira de Resíduos e Meio Ambiente (Abrema, 2024). O trabalho do catador é o elo que torna a reciclagem possível e precisa ser valorizado. Hoje, cooperativas bem estruturadas conseguem garantir renda superior a dois salários-mínimos por catador, existem MEIs que conseguem aumentar seus ganhos com vendas diretas para indústrias recicladoras, além do trabalho dos catadores autônomos informais que não são contabilizados. Mais do que uma saída emergencial, a catação é hoje uma profissão do futuro e pode ser exercida com dignidade, reconhecimento e consciência ambiental.



CLASSIFICADOS

Há vagas para Autônomos

“A necessidade de organizar os autônomos através de um cadastro na prefeitura e a liberação de um alvará ou licença ajudaria muito” comenta seu Antônio, catador de materiais recicláveis há mais de 20 anos na cidade de São Paulo. Na falta de políticas públicas para esse grupo de trabalhadores de reciclagem, a formalização do trabalho informal na figura jurídica do Microempreendedor Individual (MEI) permite que o catador atue de forma autônoma, porém formalizada, com CNPJ, emissão de nota fiscal e acesso a benefícios do INSS e aposentadoria por idade.

Passo a passo:

1. Acesse o Portal do Empreendedor: www.gov.br/mei
2. Clique em “Quero Ser MEI” e depois em “Formalize-se”.
3. Tenha em mãos:
 - CPF
 - Título de Eleitor ou número da última declaração do Imposto de Renda
 - Endereço e CEP
 - Telefone e e-mail
4. Escolha a ocupação:
Coleta de resíduos não perigosos (Código CNAE 3811-4/00).
5. Preencha os dados, gere o CNPJ.
6. Após formalização, pagar mensalmente o DAS (entre R\$ 75,90 a 81,90) para manter os direitos.
7. No próprio site, pode acessar opções de crédito, emitir nota fiscal de serviço e assim estar apto a prestar serviços para empresas e governo.

Há vagas para Cooperados e Associados

As cooperativas e associações são opções para trabalhos coletivos, mas existem pequenas diferenças entre elas, como, por exemplo, uma associação é uma organização sem fins lucrativos, que visa promover objetivos sociais ou de representação de seus membros, sem distribuição de lucros. Ou seja, não gera lucro nem renda direta para os associados, todo recurso é reinvestido no coletivo. Já uma cooperativa tem fins econômicos para promover o trabalho e a geração de renda dos cooperados, mas é sem fins lucrativos empresariais. Divide as sobras (se o resultado econômico for positivo) entre os cooperados. Outro ponto é que uma cooperativa pode possuir uma associação, mas uma associação não pode possuir uma cooperativa. Caso tenha interesse, é importante fazer uma pesquisa ou até mesmo contatar uma assessoria apropriada, como uma incubadora ou organização do terceiro setor para consulta e apoio para a escolha do que mais se encaixa com seus objetivos.



CLASSIFICADOS

Há vagas para Cooperados e Associados

A cooperativa é uma alternativa para grupos que desejam trabalhar juntos, gerar renda e crescer de forma estruturada.

“Trabalhar em cooperativa não é fácil, trabalhar em grupo, eu gosto. O que falta é o político entender que precisa pagar pelo serviço que a gente presta, eles não entendem acha que a gente não tem o direito, a lei existe precisava ser cumprida”, relata Dona Ana Maria, catadora cooperada.

Passo a passo:

1. Reunir no mínimo 07 pessoas com interesse comum.
2. Criar um estatuto social e realizar uma assembleia de fundação.
3. Registrar o estatuto em cartório como pessoa jurídica.
4. Solicitar o CNPJ da cooperativa no site da Receita Federal:
5. Abrir conta bancária em nome da cooperativa.
6. Buscar parcerias com órgãos públicos e empresas privadas.
7. Fazer o registro da cooperativa em secretarias municipais de meio ambiente ou serviços urbanos para atuar com coleta seletiva municipal.

Há Vagas para Empreendimentos Solidários

“A união entre pessoas e o meio ambiente é a solução para um mundo melhor”. Essa fala de Pedro - catador de tecidos e associado no empreendimento solidário LUZ DIVINA, identifica-se com o sistema da economia solidária que é uma forma de organização econômica baseada na cooperação, autogestão e solidariedade. Existem diversos tipos de cooperativas e associações como as de consumo, produção ou créditos, mas para ser empreendimento solidário é necessário que a organização cumpra alguns requisitos.

Passo a passo:

1. Opcional: procurar uma incubadora local – Muitas prefeituras ou universidades possuem programas de apoio à economia solidária como a UNISOL em São Bernardo do Campo.
2. Entrar em uma cooperativa ou associação existente, ou formar um grupo com outras pessoas.
3. Formalizar a associação ou cooperativa – com estatuto, CNPJ e registro em cartório.
4. Buscar capacitação e apoio técnico – como cursos sobre gestão, segurança do trabalho e comercialização.
5. Cadastrar-se no CADSOL- Cadastro Nacional de Empreendimentos Solidários, no link abaixo você pode encontrar mais informações: <https://www.gov.br/trabalho-e-emprego/pt-br/assuntos/economia-solidaria/cadastro-nacional-de-empreendimentos-economicos-solidarios-cadsol>

SÓ FALTA O PIX!

Por Luzia Honorato, Olinda da Silva, Zildir Nascimento e Zuleide Macedo
Orientação de Bruno de Oliveira Jayme

Durante muito tempo, o trabalho da mulher catadora foi invisibilizado. Era comum ouvir que "mulher não aguenta o trampo pesado", ou que "isso não é lugar pra mulher". Mas as mulheres catadoras provaram o contrário: não só aguentam como lideram. E agora, exigem algo fundamental: políticas públicas justas, construídas com a participação de quem sempre esteve na base do cuidado com o planeta.

De varredeiras a motoristas de caminhão

As mulheres catadoras começaram varrendo os galpões e carregando carrinho na marra. Hoje, dirigem empilhadeira, coordenam cooperativas, fazem educação ambiental em escolas e bairros, organizam congressos e constroem conhecimento. Uma das nossas companheiras lembra com orgulho:

"Fui a primeira mulher a dirigir um caminhão da cooperativa. Depois de mim, vieram várias. Só faltava quebrar o tabu. Agora tem mulher prensando, carregando, organizando. A gente tá em tudo."

Essa transformação não veio de graça. Veio da organização coletiva, da luta política e da teimosia em não aceitar menos do que dignidade.



Fonte: <https://expcatadores.com.br/terceiro-dia-expcatadores-2022/>



Fonte: Canal Youtube EFE Brasil - Reciclagem, nas mãos de mulheres com 400 quilos de lixo nas costas. <https://www.youtube.com/watch?v=OZLXX9Y1dnc>

As conquistas até aqui

- Criação de políticas de inclusão de catadoras em programas de reciclagem pública
- Participação ativa em fóruns, conferências e conselhos ligados à política nacional de resíduos sólidos
- Criação de redes de apoio entre mulheres para a educação ambiental, o cuidado com os filhos e a economia solidária.
- Abertura de espaços como a UNICATA, universidade popular construída pelas e para as catadoras
- Representação política em eventos estaduais e nacionais, inclusive com protagonismo em congressos sobre políticas de gênero e meio ambiente.
- Reconhecimento simbólico do trabalho da mulher catadora em campanhas públicas, premiações e materiais educativos



Mas e o que ainda falta?

Apesar de tantas vitórias, ainda há um abismo entre o reconhecimento simbólico e o reconhecimento concreto. Como disse uma companheira:

“Não é com poder que se paga aluguel. Não é com empoderamento que a gente compra gás. A gente quer tudo: respeito, mas também salário.”

Ainda são muitas as injustiças que precisam ser enfrentadas:

- Ausência de salário digno garantido para catadoras autônomas
- Falta de acesso à previdência, licença maternidade e aposentadoria justa
- Equipamentos públicos sendo comprados para a incineração, enquanto as cooperativas seguem com falta de infraestrutura
- Políticas públicas que favorecem empresas privadas, enquanto deixam catadoras à margem
- Falta de creches públicas e apoio para mulheres que acumulam trabalho, cuidado e coleta



Fonte: <https://campinas.sp.gov.br/noticias/encontro-reune-catadoras-de-sao-paulo-e-de-mais-sete-estados-835001dnc>



Foto: Ana Paula Lima Vidal

O que queremos

As mulheres catadoras querem políticas que sejam construídas com elas e para elas. Isso significa: orçamento específico para cooperativas lideradas por mulheres; formação continuada, acesso à educação e apoio para projetos de empreendedorismo; apoio à saúde mental e física de mulheres que carregam o peso da reciclagem e da vida; reconhecimento do trabalho doméstico e de cuidado como parte do esforço coletivo de sustentabilidade; fim do preconceito contra a mulher catadora: ela é educadora, é técnica, é artista, é guerreira. Como disse uma de nós:

“Falta pouco. O processo tá avançado. A gente tá na linha de frente. Só falta o reconhecimento com salário, com política, com dignidade.”

Este jornalzinho é só uma parte da luta. Compartilhe, discuta na cooperativa, leve pras rodas de conversa. Porque a história das mulheres catadoras não é resto: é base. É transformação.



A VOZ DOS CATADORES EM ESPAÇOS PÚBLICOS: DESAFIOS E POTÊNCIAS DA PRESENÇA POLÍTICA EM AUDIÊNCIAS E EVENTOS INSTITUCIONAIS

Por Nanci Darcolléte

Orientação de Felipe Palma da Silva

Nos últimos anos, as catadoras e os catadores de materiais recicláveis vêm ocupando com mais frequência os espaços públicos de fala, como audiências públicas, fóruns, conferências e encontros institucionais. Esses espaços, que historicamente foram negados à população marginalizada, vêm se tornando campos importantes para disputar narrativas, ganhar visibilidade e influenciar políticas públicas.

Escrevo este artigo a partir da minha própria trajetória e da caminhada coletiva de tantos companheiros e companheiras. Refletir sobre a nossa presença nesses espaços é falar não só sobre o direito de ter voz, mas sobre o direito de ser ouvido, como sujeitos políticos, como trabalhadores ambientais e como parte essencial da construção de soluções justas e sustentáveis para o país.

Apesar de realizarmos um trabalho essencial para a economia circular e para a sustentabilidade das cidades, as catadoras e os catadores ainda são invisibilizados pelas políticas públicas. A maioria de nós atua na informalidade, sem direitos garantidos, sem reconhecimento institucional e muitas vezes sem acesso ao mínimo necessário para trabalhar com dignidade.

Essa invisibilidade também se manifesta na baixa participação nos espaços de decisão. Por muito tempo, os microfones foram reservados aos especialistas, gestores ou representantes que falavam sobre nós, mas raramente conosco. Quando conseguimos chegar até esses espaços, enfrentamos barreiras como a linguagem técnica, o preconceito e, o mais dolorido, a falta de escuta real.



Foto: Pimp My Carroça

Mesmo diante das dificuldades, temos avançado. A nossa presença vem crescendo em diferentes espaços e tem feito a diferença. Um exemplo recente foi minha participação na 5ª Conferência Nacional de Meio Ambiente, em 2025. Estive presente em todas as etapas, desde as discussões locais até a etapa nacional, em Brasília. Em cada roda de conversa, fiz questão de levantar o tema da coleta seletiva com inclusão de catadores, com foco especial nos autônomos.

Muita gente ali nunca tinha ouvido falar sobre a realidade dos catadores. A gente precisou repetir, explicar, argumentar. E funcionou. Junto com outros poucos catadores presentes, conseguimos aprovar propostas importantes que incluíam contratos remunerados, valorização dos catadores autônomos e outros pontos fundamentais para a nossa luta.

Esse tipo de participação também tem gerado frutos em outras frentes: inclusão de catadores em conselhos municipais, mudanças no desenho de contratos de coleta seletiva e fortalecimento da imagem pública da nossa categoria. Mas os desafios continuam grandes. A linguagem ainda é muito técnica e excludente. Muitas vezes não há uma preparação adequada para que os catadores entendam como funcionam esses espaços. Além disso, o nosso conhecimento, construído na prática, no dia a dia, ainda é desvalorizado, como se só valessem os saberes acadêmicos ou burocráticos.

Outro problema é a falta de continuidade: a gente participa de uma audiência, fala, entrega proposta... e depois ninguém dá retorno. Parece que nossa presença é usada mais para mostrar diversidade do que para, de fato, influenciar decisões.

Por isso, a formação política e comunicacional se torna essencial. Projetos como a UNICATA cumprem um papel estratégico nesse sentido, ajudando a preparar catadores para esses enfrentamentos e fortalecendo nossa autoconfiança. Para que a nossa voz continue ecoando, precisamos de estratégias bem definidas. Formação continuada em linguagem política e institucional. Apoio de organizações sociais, universidades e redes parceiras. Protocolos de participação mais acessíveis. E, principalmente, espaços que valorizem a escuta ativa, com devolutivas reais e transformações concretas.



Foto: Nanci Darcolléte

A experiência e o saber das catadoras e dos catadores não são “complementos”, são parte central de qualquer política ambiental séria. Não dá para falar de sustentabilidade ignorando quem lida diretamente com os resíduos todos os dias.

O protagonismo das catadoras e catadores nos espaços públicos não é um favor ou um gesto de caridade: é um direito. Também é uma necessidade para que as políticas públicas sejam realmente eficazes.



Foto: Júlia Nagle (Pimp My Carroça)

Para que a nossa voz continue ecoando, precisamos de estratégias bem definidas.

Dar voz aos catadores é permitir que o país se escute. É incluir na política quem está na linha de frente da sustentabilidade. No meu caso, é mais que um dever, é uma escolha de vida: falar por mim, pelos que vieram antes, e por tantos que ainda não conseguiram chegar à mesa de debate.



Foto: Carlos Thadeu de Oliveira

QUANDO O RAP VIRA FERRAMENTA DE EDUCAÇÃO POPULAR, NASCE O MELÔ DO CATADOR

Por Alexandre Domingos e Samantha Alves

Em meio aos desafios enfrentados diariamente pelos catadores e catadoras de materiais recicláveis, surge uma iniciativa criativa que une arte, identidade e resistência. Inspirado no "Melô da Lagartixa", um rap marcante dos anos 80/90 que ecoou nas quebradas e vielas do país, nós, um grupo de catadores alunos da Unicata SP, decidimos reescrever a letra com um novo propósito: dar voz à categoria e celebrar a cultura periférica.

Assim nasceu o "Melô do Catador", uma paródia que vai além da música e se transforma em instrumento de educação popular, comunicação comunitária e valorização profissional.

A escolha da paródia não foi aleatória. A linguagem simples, o ritmo contagiante e a memória afetiva da música original fazem dela um canal direto com os territórios e com os trabalhadores de base. É através dessa familiaridade que a paródia propõe um diálogo acessível e potente, que reconhece a sabedoria das ruas, a coletividade e o protagonismo da catadora e catador como sujeito histórico e social.

A música "Lagartixa" tem uma batida leve e animada, swingado, tipo funk de favela dos anos 80 e 90. Escrita por Ndee Naldinho, a música é uma composição que mistura elementos do rap e do samba-rock, o autor se inspirou em um sucesso de DJ Innovator nos bailes da época para criar a música.

Mais do que uma brincadeira musical, o "Melô do Catador" é parte de uma estratégia maior: romper com as barreiras tradicionais da comunicação e democratizar o acesso à informação e à valorização profissional por meios criativos.

É arte com função social. É música que educa. É cultura que comunica. E é também resistência: porque quando a voz do catador ecoa em forma de rap, ela deixa de ser invisível e passa a ocupar os espaços que sempre lhe foram negados.



Foto: Isabella Vallin

O Melô do Catador

Alexandre Domingos e Samantha Alves

Intro – Falado

Eu era o lixo...
Mas hoje não!
Eu sou catador!
Com orgulho e profissão!

REFRÃO

Eu era invisível, catando no chão
Mas hoje eu sou visto, com força e união
Sou Catador Mistão, com cooperativa
MEI ou associado, a vida é ativa

Verso 1

Do lado da favela, tem sabedoria
Catando no sol, chuva ou ventania
Reciclo esperança, recolho saber
No meio do lixo, o mundo renascer
Catador não é lixo — é a solução!
educa as famílias, e muda a nação!
Cooperativa é luta, é transformação
Respeita o meu povo, catador é meu irmão!

REFRÃO

Eu era invisível, catando no chão
Mas hoje eu sou visto, com força e união
Sou Catador Mistão, com cooperativa
MEI ou associado, a vida é ativa

Verso 2

Tem nossos dever, tem nossos direitos
Licença e alvará, é só um conceito
unicata capacita, fortalece na missão
a Lei do resíduo é uma solução do povo é a
força, tamo em movimento
Organiza a quebrada, muda o pensamento
Catador educa, é o povo da rua
me chama de lixeira, é ignorância sua

REFRÃO

Eu era invisível, catando no chão
Mas hoje eu sou visto, com força e união
Sou Catador Mistão, com cooperativa
MEI ou associado, a vida é ativa

Verso 3

Racismo ambiental, NÓS vamos falar
Joga lixo no gueto, quem é que vai pagar?
Mas aqui tem futuro, tem organização
saber popular em cada ocupação
UNICATA, Coopamare, vem evolução
a base vem mudando, é a revolução
Direto em Brasília, melhorando A LEI
"Nois" em todo LUGAR EU SEMPRE
SONHEI
[Ponte – Voz falada ou cantada]
"Papai, eu quero ser catador quando crescer!"
"Porque quem cuida do planeta tem saber!"
"Catador é profissão MERMÃO!"

REFRÃO

Eu era invisível, catando no chão
Mas hoje eu sou visto, com força e união
Sou Catador Mistão, com cooperativa
MEI ou associado, a vida é ativa

Para assistir o
clipe da música
[clique aqui!](#)

O QUE É GOVERNANÇA?

Nesta seção catadoras e catadores apresentam uma foto e uma frase que representam o significado da governança para eles. E para você? O que significa a governança?

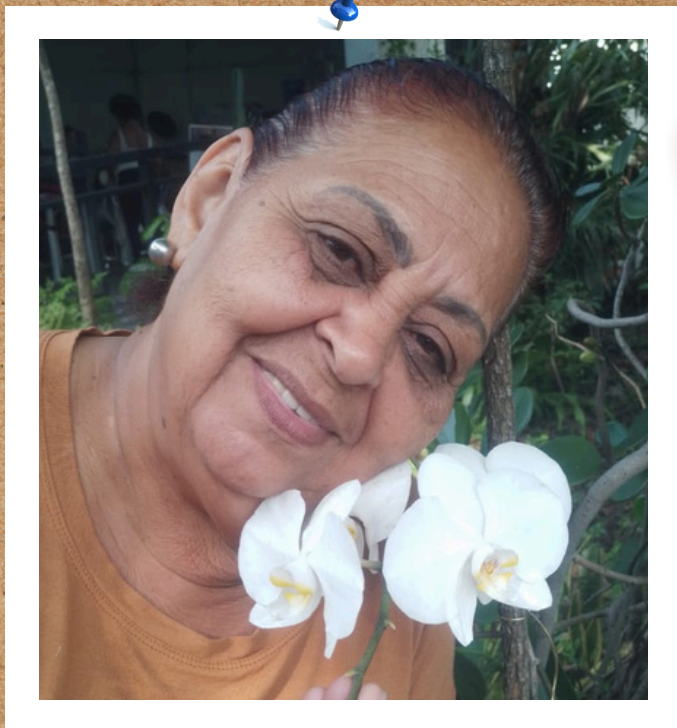


Foto: Maria Divina Freitas

**“Governança
para mim é
poder!”**

Maria Divina Freitas
Catadora autônoma

**Governança pra mim é
definir objetivos, metas e
criar um plano pra
conseguir.
Organizar o tempo e as
tarefas.
Planejar os gastos e poupar
pra investir no trabalho pra
ter uma estabilidade.**

Edson Cardoso
Catador autônomo



Foto: Edson Cardoso

O QUE É GOVERNANÇA?

“Governança pra mim significa: empatia, liderança, organização e bom senso!”

Valquiria Candido
Cooperativa COOPERPAC



Foto: Valquiria Candido

“Governança para mim é fazer com que as pessoas que estão ao seu redor no dia a dia, dentro da cooperativa, acreditem no trabalho da catação, na melhoria dos catadores. É trazer dignidade e conhecimento sem preconceito, com igualdade e melhoria no trabalho, conhecimento e na renda para todos”

Vanessa de Souza
Cooperativa Filadelfia

**Mulher bonita,
é Mulher que luta!**



Foto: Vanessa de Souza



**Universidade
de e para
Catadoras e Catadores**

✉ unicata.catadores@gmail.com
✉ www.unicatapiloto.blogspot.com
🌐 www.unicata.com.br
📷 [@unicata_brasil](https://www.instagram.com/unicata_brasil)
